

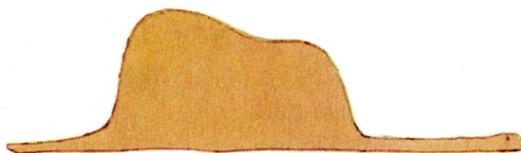


I

Quando tinha seis anos, vi uma vez uma imagem magnífica num livro sobre a Floresta Virgem que se chamava *Histórias Vividas*. Representava uma jiboia a engolir uma fera. Aqui está a cópia do desenho.

No livro dizia-se: «As jiboias engolem a sua presa inteira, sem a mastigar. Em seguida já não conseguem mexer-se e dormem durante os seis meses da sua digestão.»

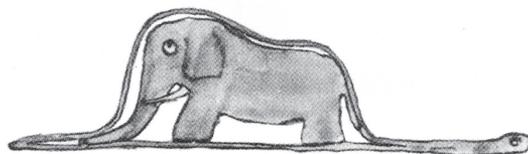
Refleti então muito sobre as aventuras da selva e consegui, por minha vez, fazer com um lápis de cor o meu primeiro desenho. O meu desenho número 1. Era assim:



Mostrei a minha obra-prima às pessoas crescidas e perguntei-lhes se o meu desenho lhes fazia medo.

Elas responderam-me: «Porque é que um chapéu havia de fazer medo?»

O meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jiboia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jiboia para que as pessoas crescidas pudessem compreender. Elas precisam sempre de explicações. O meu desenho número 2 era assim:



As pessoas crescidas aconselharam-me a pôr de lado os desenhos de jiboias abertas ou fechadas e a dedicar-me de preferência à geografia, à história, à aritmética e à gramática. Foi assim que, aos seis anos, abandonei uma magnífica carreira de pintor. Tinha sido desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. As pessoas crescidas nunca conseguem perceber nada sozinhas e é muito cansativo, para as crianças, estar sempre a dar-lhes explicações.

Tive pois de escolher uma outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Voei um pouco por todo o mundo. E é verdade que a geografia me foi muito proveitosa. Sabia distinguir, à primeira vista, a China do Arizona. É muito útil, se nos perdermos durante a noite.

Tive pois, ao longo da vida, inúmeros contactos com inúmeras pessoas sérias. Convivi muito com as pessoas crescidas. Vi-as de muito perto. Isso não melhorou muito a minha opinião sobre elas.

Quando encontrava uma pessoa que me parecia um pouco lúcida, fazia com ela a experiência do meu desenho número 1, que conservei sempre comigo. Queria saber se ela era verdadeiramente compreensiva. Mas ela respondia-me sempre: «É um chapéu.» Então, não lhe falava de jiboias, nem de florestas virgens, nem de

estrelas. Aproximava-me dela. Falava-lhe de brídege, de golfe, de política e de gravatas. E a pessoa crescida ficava muito contente por conhecer um homem tão razoável...

II

Vivi assim sozinho, sem ter realmente com quem falar, até que um dia, há seis anos, tive uma avaria no deserto do Sara. Qualquer coisa se quebrara no motor. E como não tinha comigo nem mecânico, nem passageiros, preparava-me para fazer sozinho uma reparação difícil. Era uma questão de vida ou de morte. A água que tinha para beber dava apenas para oito dias.

Na primeira noite adormeci, pois, na areia a mil milhas de qualquer lugar habitado. Estava bem mais isolado do que um naufrago sobre uma jangada no meio do oceano. Podem assim imaginar a minha surpresa quando, ao nascer do dia, fui despertado por uma vozinha engraçada que dizia:

- Por favor... desenha-me uma ovelha!
- Ahn!
- Desenha-me uma ovelha...

Dei um salto como se tivesse sido atingido por um raio. Esfreguei bem os olhos. Olhei com atenção. E vi um rapazinho extraordinário que me observava muito sério. Este é o melhor retrato que, mais tarde, consegui fazer dele. Mas o meu desenho é, certamente, muito menos encantador do que o modelo. A culpa não é minha. Aos seis anos fora desencorajado de uma carreira de pintor pelas pessoas crescidas e não aprendera a desenhar nada além de jiboias fechadas e jiboias abertas.

Olhava pois esta aparição com olhos arregalados de espanto. Não se esqueçam de que me encontrava a mil milhas de qualquer região habitada. Ora, o meu rapazinho não me parecia nem perdido, nem morto de cansaço, nem morto de fome, nem morto de sede nem morto de medo. Em nada parecia uma criança perdida no meio do deserto, a mil milhas de qualquer região habitada. Quando finalmente consegui falar, disse-lhe:

— Mas... o que é que fazes aí?

E, então, ele repetiu-me, muito suavemente, como se fosse uma coisa muito séria:

— Por favor... desenha-me uma ovelha...

Quando o mistério é demasiado impressionante, não ousamos desobedecer. Por mais absurdo que tal me parecesse, a mil milhas de qualquer lugar habitado e em perigo de vida, tirei do bolso uma folha de papel e uma caneta. Mas lembrei-me então de que tinha estudado sobretudo geografia, história, aritmética e gramática e, um tanto mal-humorado, disse ao rapazinho que não sabia desenhar. Ele respondeu-me:

— Não importa. Desenha-me uma ovelha.

Como nunca tinha desenhado uma ovelha, voltei a fazer, para ele, um dos dois únicos desenhos de que era capaz. O da jiboia fechada. E fiquei estupefacto ao ouvir o rapazinho responder-me:

— Não! Não! Não quero um elefante dentro de uma jiboia. Uma jiboia é muito perigosa e um elefante ocupa muito espaço. O sítio onde eu vivo é muito pequeno. Preciso de uma ovelha. Desenha-me uma ovelha.

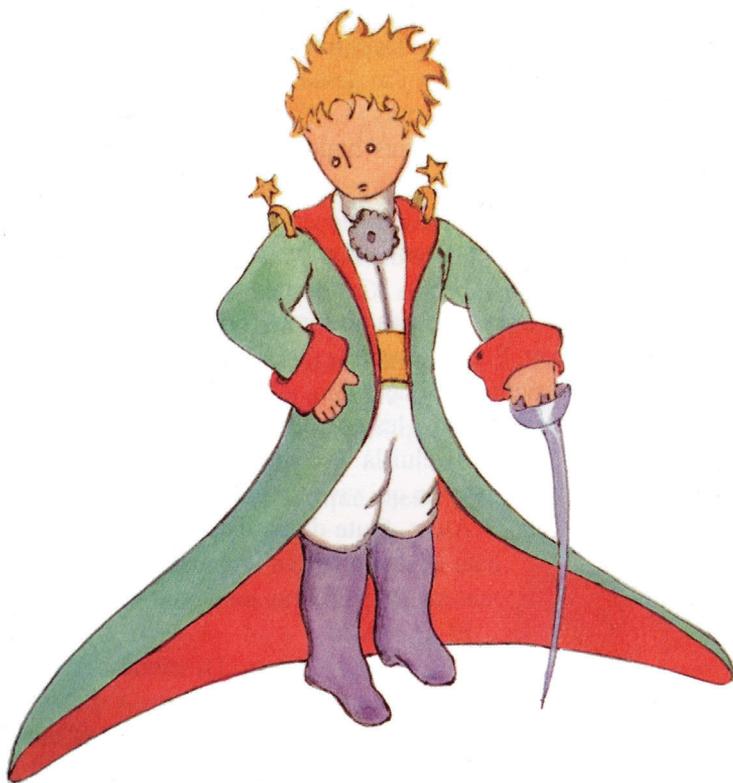
Então, desenhei.

Olhou atentamente, depois disse:

— Não! Esta já está muito doente. Faz outra.

Desenhei:

O meu amigo sorriu delicadamente, com indulgência:



Este é o melhor retrato que, mais tarde,
consegui fazer dele.